

★ O CORPO-NATUREZA NA ARTE/VIDA

Olga Mitiko Ochi Takiuti

Artista da dança, performer, dançarina no Projeto Social Movimenta Brasil e bailarina na Cia. de Dança Yes Brasil, estudante da arte do *Ikebana* coordenada pela Profa. Grã-mestre Emília Tanaka, decoradora de eventos e membro da Comissão de Incremento Social na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social *Bunkyo/SP*. Pós-graduada em Corpo: Dança, Teatro e Performance pela Escola Superior de Artes Célia Helena, e mestranda em Artes da Cena na Escola Superior de Artes Célia Helena, sob orientação da Profa. Dra. Karina Almeida.

Resumo: Danço na natureza com meu corpo, como se flores eu fosse. Sinto o perfume, o sol que as aquece, a chuva que as refresca, o frio que as enobrece, o vento que lhes dá movimento. Nem sempre sou uma linda flor: às vezes sou torta, mas renasço da minha lama para a minha pele, ergo-me sobre a terra onde piso e fico viva no agora. Às vezes, meus “pés-terra” falam por si mesmos e pisam como em uma dança de crescimento e de aprendizado. Vou evoluindo em meio a muitas buscas através do meu corpo torto e faço do defeito, uma beleza única.

Palavras-chave: Corpo; Flores; Dança; Natureza.

Abstract: I dance in nature with my body, as if flowers I were. I feel the perfume, the sun that warms them, the rain that refreshes them, the cold that ennobles them, the wind that gives them movement. I am not always a beautiful flower: sometimes I am crooked, but I am reborn from my mud to my skin, I rise above the earth where I step, and I am alive in the now. Sometimes, my “earth-feet” speak for themselves and step as in a dance of growth and learning. I keep evolving in the midst of many searches through my crooked body and make the defect a unique beauty.

Keywords: Body; Flowers; Dance; Nature.

Introdução

Pesquisei a metáfora corpo-natureza nas interseções da Arte Floral do *Ikebana*¹ (*Kado*), da Arte da Caligrafia (*Shodô*), da Arte Naif, das criações que potencializem a expressividade do corpo em cena e acredito que minha pesquisa possa inspirar, você pessoa leitora, em seus caminhos na arte/vida.

Tenho pesquisado o que poderia ser o *Corpo-Natureza na Arte/Vida* no meu curso de Mestrado Profissional em Artes da Cena na ESCH, ainda em processo. Esta inquirição parte da obra construída no meu TCC da Pós-Graduação em Corpo da ESCH, com o título de: *Olga: Presença e Espontaneidade no Caminho das Flores*. A obra parecia completa e acabada, mas ao longo desse trajeto, percebi que ela estava completa só naquele momento, para aquela apresentação, estando aberta a novas perspectivas e concepções. Esse material é uma base para a construção de novas ideias, que vão se juntando e se resignificando até gerar e possibilitar outras obras. Então o que parece acabado, é apenas uma obra esperando outra para novas construções futuras. Nesse percurso que é um só, cada movimento produzido pelo meu corpo, vai criando memórias que vão se somando a outras numa resignificação infinita.

O Dô na arte

Através da arte busco caminhos para meu aprendizado, desejando expandir o conhecimento sobre mim mesma. *Ikebana* também é conhecido por *Kado*. De acordo com Tanaka (2014), *Kado* é um termo japonês que significa “Caminho das Flores”. O Caminho das Flores é uma das artes Zen Budistas, ou seja, trilha o caminho da autorrealização. É a “maneira”, o “espírito” utilizado na realização dessa arte. Esse espírito é a expressão do pensamento Zen. A arte floral do *Ikebana* pode despertar um estado de imaginação, de expressividade, de poesia para as artes da cena com a criação por meio do

corpo. Não vou detalhar os conceitos relacionados ao *Kado*, mas refletir, em linhas gerais como venho pesquisando meu corpo neste percurso de criação.

O *Dô* que significa caminho é parte de outras ramificações dentro da arte como a palavra *Ikebana* ou *Kado* (caminho das flores), *Shodô* (caminho da caligrafia), entre outros. O caminho não é algo parado, é uma travessia, uma ação. Ação esta que também é um percurso, tem uma duração, ela começa, se desenvolve e morre. A partir das aulas do mestrado ministradas da pesquisadora Profª. Dra. Cecília Almeida Salles², no primeiro semestre de 2021, senti estímulo ao pensar em como meu corpo, por vias de experimentos práticos, pode contribuir para as relações que pretendo estabelecer com a minha pesquisa nos processos de criação. Cecília Salles nos diz que “(...) o ato criador se realiza na ação” (Salles, 1998, p.20). Assim como o *dô*, o ato de criação se faz na travessia, na ação que é processual.

Na Arte Floral do *Ikebana*, ainda que diferentes pessoas usem os mesmos materiais, cada momento de manejo permite suas transformações em obras únicas acabadas. Obras que, no momento seguinte, serão resignificadas com outros materiais e por outras mãos que lhes darão formas e formatos diferentes. A ação leva à elaboração de um arranjo e o movimento do meu corpo me leva a possibilidades no caminho da criação, tanto no *Ikebana* como na dança.

Com relação ao *dô* na arte, encontro referências que me inspiram a refletir sobre como investigar minhas inquietações:

Assim é o *dô*, o caminho de construção da arte e da busca da aprendizagem, que faz parte de palavras relacionadas à arte como *kadô* (ou *ikebana*), *sadô* (cerimônia do chá), *kôdô* (arte do aroma), *shodô* (caligrafia japonesa), *nôgakudô* (teatro *nô*), englobando também as artes marciais como judô, *quendô*, *aiquidô* etc.

A arte do *dô*, de forma similar ao santuário, em vez de valorizar a consequência, lança luz sobre o

“modo pelo qual” se efetiva uma ação, sobre a montagem processual para alcançar ou conquistar uma determinada habilidade artística juntamente com a busca de uma espiritualidade mais elevada. Em razão dessa característica, a efemeridade marca a sua presença, pois nada permanece a não ser a experiência e a vivência conjugadas, que constituem fundamento dessas artes tradicionais japonesas, com um refinamento da sensibilidade, da aprendizagem estética, ética e da elevação espiritual, que decorre desse experienciar. (Shioda; Yoshiura; Nagae, 2013, p.10).

A ação, com o seu modo de se fazer um arranjo e a disciplina desse fazer, é o que me leva a sentir e perceber uma elevação no meu espírito, assim como o desejo de compartilhar essa vivência com todos que olham a arte do *Ikebana*, ainda que seja só por um momento.

Pensando no *Dô* como caminho de construção da arte, decidi experimentar os conhecimentos que tenho sobre os arranjos florais, aplicando-os em experimentos criativos corporais. Minhas emoções afloram, tomam conta do meu ser e me envolvem completamente, a cada movimento percorrido, novos surgem e vão dando margem a outros numa composição que parece terminar por um instante, mas quem sabe, pode sempre continuar.

O corpo-natureza

Esta pesquisa é permeada por uma série de metáforas, que nascem da intersecção entre a arte do *Ikebana* e a arte do movimento. Corpo-natureza é uma dessas metáforas, uma ideia, uma imagem e uma sensação. Com meu amor pela natureza, desvisto-me da pele que me cobre, meu contorno, abrindo-me para a mais profunda relação corpo-natureza – eu e você e vice-versa.

Na arte, o criador estabelece uma ligação entre a verdade da obra e sua própria verdade. Akira Kurosawa (1990) diz que “(...) não há nada que diga mais a respeito de um criador do que sua própria obra” (Kurosawa, 1990 *apud* Salles, 1998, p. 138). Arte e vida, portanto, se entrelaçam.

A arte do *Ikebana*, o Caminho das Flores, funde-se no meu ser para uma obra de arte em que a natureza é habitada no meu corpo, como se os caminhos fossem os mesmos. Meu corpo-natureza na dança carrega memórias do meu próprio caminho vivido. Sente e nunca se satisfaz, está sempre alerta buscando o perfume, a essência, o acontecimento que nele habita e, conforme o tempo passa, vai ressignificando suas histórias e memórias. Meu corpo-natureza como uma prática de cultivo de si vai desenvolvendo essa atenção de perceber como estou no agora. Vou construindo estar nesta vida de uma maneira mais sensível, para ir atendendo a esse estado que naturalmente vai para a arte e, assim, me revivifico a cada movimento. Segundo Cassiano Sydow Quilici, “Na ideia do cultivo aqui apresentada, a prática está sempre enraizada no momento presente, transformando o próprio viver cotidiano numa espécie de arte do despertar, que se reatualiza a cada instante.” (Quilici, 2015, p. 194).

Processos de criação

Nas sombras de nossos corpos, movem-se as nossas memórias. Estão sempre presentes entre os dedos de minhas mãos, entre rugas. É um encontro da presença dos meus antepassados que estão impregnados em mim. Danço a herança dos meus avós, da minha mãe, do lar em que fui criada, das alegrias e tristezas vividas, das flores do jardim, do abacateiro, das folhas que enfeitavam os docinhos, da terra que eu pisava no jardim.

No meu corpo, a criação também se desenvolve na presença do desenrolar dos acontecimentos, os movimentos não são premeditados. No momento de investigação, como por exemplo uma improvisação, os movimentos surgem e vão se modificando naturalmente, sem regras pré-estabelecidas. Há um repertório adquirido pela própria experiência do mover, mas esse repertório está sempre em expansão e transformação. É uma experimentação que está sempre em processo de mutação; assim, vejo uma conexão com os prin-

cípios do Zen em que tudo está sempre em transformação e nada é permanente. Faço uma analogia como quando na natureza tudo se expande e a vida simplesmente acontece, pois assim compreendo a criação. Nas palavras de Salles: “A própria ideia de criação implica desenvolvimento, crescimento e vida; conseqüentemente, não há lugar para metas estabelecidas *a priori* e alcances mecânicos.” (Salles, 1998, p. 27).

Crescimento e vida são ciclos de passagens do tempo, um desenvolver de uma prática de atenção para ampliar meu olhar, minha percepção. Utilizo meu imaginário, minhas memórias e meus materiais de percepção para trazer novos movimentos. Esse processo de pesquisa me faz pensar nas passagens do nascimento, vida, morte e, também, nos ciclos sazonais, primavera, verão, outono e inverno, imaginando os novos caminhos para trabalhar com ou sem materiais do *Ikebana*.

Para mim, no processo de criação, a necessidade da satisfação está associada a uma trajetória que vai de um caminho imperfeito à busca pela sua perfeição em que as ideias são continuamente renovadas. Entendo por percurso imperfeito uma trajetória ainda em desenvolvimento, sem metas claras definidas. Através de experimentos criativos, busco aproximar-me da perfeição no sentido de alcançar o objetivo proposto por meio de atravessamentos sucessivos de ideias e movimentos sempre em aperfeiçoamento.

Compreendo que a estética do trabalho nunca será completa, haverá sempre novas ressignificações para o mesmo conteúdo quando forem repetidos depois de algum tempo. Assim é o meu corpo, com a passagem do tempo vai se modificando, refletindo nas memórias que vão se misturando e ressignificando dando novas perspectivas para uma ação continuada na criação. Em conformidade com tal conjunção, trago as palavras de Tanaka (2014) “A beleza da natureza nunca para de mudar. As plantas nascem, crescem, dão flores e sementes ao longo das estações do ano.” (Tanaka, 2014, p. 25).

Quando danço, meu corpo sente suas próprias limitações, mas tento transmitir o que a maturidade me ensinou. Danço com o meu corpo que fala com todas as suas partes e, por isso, se move mostrando tudo o que está gravado e construído ao longo desta jornada. Sinto medo, suavidade, alegria, tristeza, percebo que sou parte do reino vegetal no meu corpo-natureza-dançante e começo a vivenciar os ciclos da natureza num processo contínuo. E, no transcurso do tempo, vou seguindo o meu caminho. Sinto a presença de tudo o que me afetou ou me afeta. Mas também, percebo os espaços silenciosos da minha consciência que germinam em mim uma experiência do vazio cheio de possibilidades, que não tem forma, com a espontaneidade que nasce, renasce, floresce, morre e vive em plenitude. De acordo com Kuniichi Uno (2018), a vida e a morte estão sempre juntas: “(...) a vida não se separava jamais da morte. A vida e a morte constituíam-se como uma dança na qual elas se alternavam, se cruzando em um leque que partia do microcosmo até a imensidão do Universo.” (Uno, 2018, p.246).

Nesta pesquisa, minha figura é uma alegoria,³ meus sentimentos e movimentos se sustentam no silêncio e não nas palavras. O pensamento é ausente, surgindo o vazio. Em consonância com tal impressão, trago as palavras de Kazuo Ohno, “(...) o seu corpo veste o universo. Você incorpora todas as experiências que adquire, mesmo que não saiba disso. Você se alimenta da vida e a compartilha com os outros.” (Ohno, 1989 *apud* Baiocchi, 1995, p. 49). A cada novo experimento nas movimentações no meu corpo, outras memórias aprendidas são redefinidas, nutrindo-me da vida que quer se espalhar para além de mim mesma, num processo contínuo e inacabado. Acredito que esse sentido da alegoria será mais aprofundado quando eu der início às experimentações práticas pois irei explorar a transposição entre alguns elementos do *Ikebana* para o gesto e/ou para o corpo.

Intersecções

A arte floral do *Kado*, Caminho das Flores, é mais que o simples colocar flores e plantas num recipiente, é a própria natureza presente dentro de um vaso.

Em seu livro *Gesto inacabado* (1998), Cecília Salles nos apresenta reflexões sobre o processo de criação a partir de perspectivas de artistas de diferentes áreas, o que me auxilia a pensar as intersecções entre a arte do *Ikebana* e a arte do movimento. Oscar Niemeyer fala, por exemplo, sobre as linhas e curvas de sua arquitetura:

Não é o ângulo reto que me atrai. Nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas de meu país, no curso sinuoso de seus rios, nas nuvens do céu, no corpo da mulher amada. De curvas é feito todo o universo. O universo curvo de Einstein (1997). (Niemeyer, 1994 *apud* Salles, 1998, p. 41)

No Caminho das Flores, o que me atrai é a liberdade da curva de uma folha, da flexibilidade dos galhos e plantas, das águas dos rios, do homem, do céu e da terra no corpo de um *Kenzan*⁴. A folha da *Aspidistra*⁵ verde escura não dá flor e, na arte floral do *Ikebana*, pode ser utilizada para fazer um arranjo só de folhas. Essa folha tem uma nervura central que separa os seus lados. O lado com a borda mais larga cresce mais porque a “luz” do sol reflete sobre ela e, o outro lado, com a borda mais estreita cresce menos porque fica na “sombra” sem a incidência direta da luz do solar. Toda folha tem duas faces, frente e verso, e o lado que cresce menos, “sombra” que é o verso da folha, chama-se *Urá* em japonês, e a frente, *Omotê*, e são elas que definem o formato de um arranjo floral.

A fundamentação dos princípios dos arranjos florais é simbolizada por três diretrizes principais: o *Homem* (*soe* - haste secundária que produz um efeito de crescimento lateral e possui dois terços da altura da haste principal), o *Céu* (*shin* - haste principal, eixo central com a altura aproximadamente

de duas vezes e meio da altura do vaso) e a *Terra* (*tae* - haste mais curta com altura aproximada de um terço da haste principal), sendo que esse conjunto bem estruturado uma representação do equilíbrio do *Universo*. A disposição correta no *Kenzan* é muito importante para dar a impressão que o crescimento vem de uma só haste.



Fig.1. Olga Mitiko Ochi Takiuti – Arranjo com folhas de aspidistra feito em sala de aula em 01.06.2017. Acervo do autor.

As imagens dessa escrita surgem porque percebo o corpo através do movimento, meu próximo passo é pesquisar experimentos com meu corpo aprofundando as intersecções com os elementos da Arte Floral do *Ikebana*, nessa perspectiva de relação arte/vida. No meu corpo-natureza, tenho ângulos retos, mas sou atraída pelas curvas e dobras cheias de encontros de liberdade criadas pela natureza que habita em mim. Quando danço, sinto minhas células contraindo e expandindo-se para a prontidão do movimento num flutuar carregados pelo percurso do meu sangue que percorre por todas as partes, não obrigatoriamente retas, mas com



Fig. 2. Olga Mitiko Ochi Takiuti – Pós-Graduação em Corpo: Dança, Teatro e Performance. Escola Superior de Artes Célia Helena – Trabalho de Conclusão de Curso – 2019. Acervo do autor.

o doce atalho de desvios que não pedem desculpas, apenas seguem seu caminho.

Nesta perquisição, utilizo materiais como flores, folhas, plantas, sementes, galhos, ramos com os quais me relaciono, englobando tudo isso em uma intersecção entre o corpo que dança e a vida na presença dos acontecimentos. Minha pele sente o cheiro da natureza, vive em plenitude e se alimenta dela para dar a leveza das formas e dos contornos entre os poros que povoam nesse corpo-natureza-dançante. “A arte dos arranjos de flores deve ser uma inspiração e ao mesmo tempo uma manifestação desse despertar.” (Herrigel, 2013, p. 11). Esse pensamento de Herrigel me afeta, pois a Arte do *Ikebana* vai muito além da técnica, aprecio a beleza da natureza antes, durante e depois da execução de um arranjo floral para que as pessoas, ao apreciarem essa arte, possam sentir de alguma forma a minha presença.

A caligrafia japonesa *Shodô*, também nos revela o caminho da arte e da aprendizagem, ou seja, o

Dô, trazendo à tona a processualidade do gesto e do traço. A relação entre o corpo e os materiais utilizados na caligrafia tem uma relação com a extensão do próprio corpo, isto é, a linha é traçada com o espaço, com o próprio ambiente que os rodeiam. Na caligrafia, é como se essa relação entre linha e espaço fosse uma extensão do corpo. Como se a linha fosse, portanto, o próprio corpo. De acordo com Shioda, Yoshiura e Nagae (2013, p. 135):

O fato de a caligrafia ter elementos do zen na sua essência não significa, no entanto, que haja nela uma uniformidade, como algo serializado e formatado. Pelo contrário, isso a torna dinâmica. Além disso, por conta das singularidades presentes em cada pessoa, há a possibilidade de a caligrafia transcender uma simples escrita e ser a expressão viva do seu autor.

No *Kado*, reconheço uma conexão entre os materiais utilizados e o meu corpo. Os materiais do *Ikebana* são corpos variados que vem do seu próprio cultivo e percurso, até chegarem no *Kenzan*.



Fig. 3. *Enso*⁶. Acervo da autora.

Esses materiais compostos por flores, folhas, plantas, sementes, galhos e ramos passam por vários caminhos e, nas mãos de quem vão dando-lhes formas e formatos, ampliam suas possibilidades a novas trajetórias, até serem firmemente fixadas no *Kenzan*. Nele, tornam-se um outro caminho junto com outros e, assim por diante, até tornarem-se um arranjo floral.

Quando danço um arranjo floral, meu corpo-natureza libera a tensão, respira consciente e sente bem-estar. É nele que residem as possibilidades da expressão de cada um dos meus gestos e sentimentos, a minha história. Tem um fundo pictográfico que se desenvolve e quer despertar no outro, sentimentos e sensibilidade porque está sempre disposto a trilhar caminhos que não sabe, mas que apenas deixa acontecer na presença do momento. Nesse processo, sou as flores vivas.

Corporificando o sensível na percepção artística

Cecília Salles reflete sobre as imagens e sensações que nutrem o processo de criação, movendo-me a investigar as metáforas e alegorias que surgem na minha pesquisa:

As imagens geradoras que fazem parte do percurso criador funcionam, na verdade, como sensações alimentadoras da trajetória, pois são responsáveis pela manutenção do andamento do

processo e, conseqüentemente, pelo crescimento da obra. (Salles, 1998, p. 57)

As imagens originadas da Arte do *Ikebana* me conduziram a um processo de transposição poética para o movimento, na busca da criação de um corpo-natureza-dançante. Um desenvolvimento de percurso em que as angústias e dores vividas nutrem e fazem o processo de criação caminhar. Nesse processo de criação, meu corpo-natureza inspira e expira através dos poros que encobrem minha pele, se alimentam desse néctar e seguem a sua trajetória.

Reconheço também na Arte Naif,⁷ elementos que dialogam com meus desejos e imagens de criação.

Óleo sobre tela e Eucatex (Finkelstein, 2001, p. 63)

Vejo na imagem acima um *Cristo ecológico* protegendo a natureza, num tronco enraizado, e imagino os antepassados presentes nesse tronco, aqueles que representam as minhas raízes, de onde venho. Faço uma analogia entre essa imagem e as águas do vaso do *Ikebana*, com o tronco fixo no *Kenzan*, um belo arranjo floral num vaso, uma composição com todas as plantas, um corpo-natureza. Transpondo essa imagem do *Cristo Ecológico* (1992) para minha pesquisa, penso em como meu corpo-natureza-tronco é afetado, carregando meus ancestrais e,

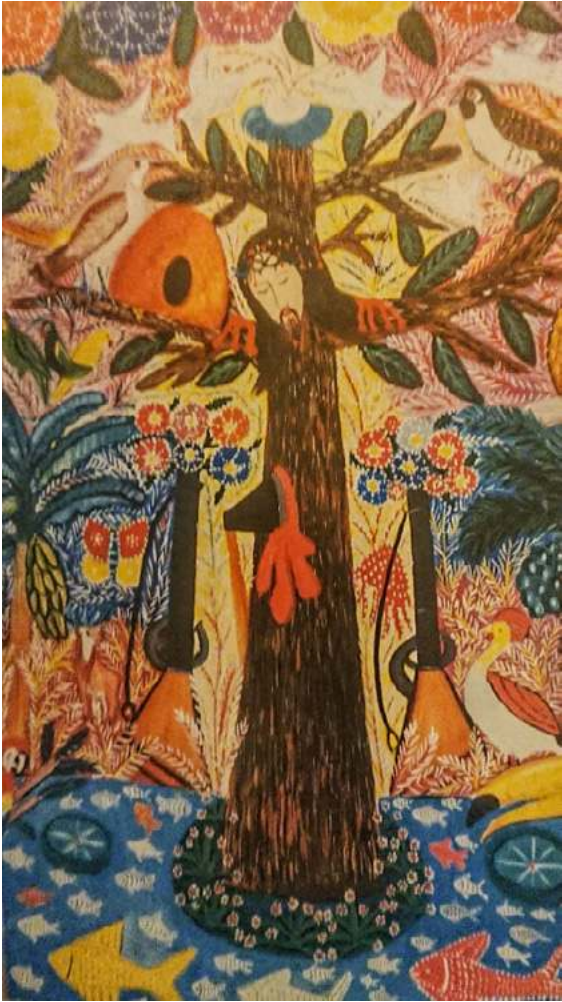


Fig. 4. Zizi Sapateiro (José Ribeiro Santos) - *Cristo ecológico*, cerca de 1992. Imagem do acervo da autora.

junto com eles, a minha trajetória de vida. Sou um corpo-natureza e adentra no Caminho das Flores. Vivencio as passagens do tempo, sigo os percursos que a vida me ensinou, com as emoções me acalmam na presença do amor profundo.

Trago, aqui, mais uma alegoria: meu corpo sinuoso de curvas e retas em meio a cores, flores, folhas, plantas, ramos presentes na natureza segue seu caminho até ser afixado no *Kenzan*, então, doo a minha vida no vaso de arranjo floral, para ser apreciado pelas pessoas que admiram a arte. Como os atores e atrizes nas artes da cena, como as imagens pinceladas pelos autores na Arte Naif e do *Shodô*. Na minha dança de corpo-natureza-

-dançante, quando me torno, alegoricamente, um arranjo floral, sinto alegria e me sensibilizo ao estar em contato com um mundo de paz, quietude e beleza, vivendo a natureza na presença do momento, sou vida/arte.

Neste artigo, articulei referências sobre os caminhos do *Dô* na arte, aproximando-as do meu corpo através da metáfora de um corpo-natureza, assim como os materiais possíveis a serem utilizados e corporificados através do sensível na prática artística.

As referências sobre processo de criação trazidas por Cecília Salles motivam minhas reflexões e experimentos, assim como meu caminho pela busca de autoconhecimento.

Utilizo alguns elementos provenientes da Arte Floral do *Kado*, da Arte da Caligrafia *Shodô*, e da Arte Naif como parte da minha pesquisa e compartilho aqui alguns aspectos dessa trajetória. Venho trabalhando e pesquisando experimentos na expressividade do meu corpo em cena, fazendo uma interseção com meus conhecimentos adquiridos com a Arte Floral do *Ikebana* com o intuito de inspirar pessoas na arte/vida.

A elaboração desse percurso tem provocado em mim um desejo de autoconhecimento, aguçando os sentidos da minha imaginação para investigar a metáfora do corpo-natureza e a figura do meu corpo como alegoria.

À medida em que minhas ações na criação vão se instaurando em meu corpo-natureza, percebo que minhas buscas nunca são alcançadas plenamente, assim, sou levada pela imaginação e experimentos constantes sempre em movimento e renovação. Segundo Salles (2006, p. 59), “A criação é, sob esse ponto de vista, um projeto que está sempre em estado de construção, suprimindo as necessidades e os desejos do artista, sempre em renovação.”

“Meu corpo não tem limites, está sempre aberto a novas possibilidades e o que pode acontecer, ainda é mistério.”

Referências

- ANDE, E.; LEMOS, S. **Arte Naïf: advinha o que é? 1**. Reimpressão. Brasília: Editora Edebê, 2017.
- BAIOCCHI, M. **Butoh Dança Veredas D'Alma**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1995.
- DICIONÁRIO, Priberam. **Aspidistra**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/aspidistra>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.
- FINKELSTEIN, L. **Brasil Naïf - Arte Naïf: Testemunho e patrimônio da humanidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2001.
- HERRIGEL, G. L. **O zen na arte da cerimônia das flores**. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2013.
- QUILICI, C. S. **O ator-performer e as poéticas da transformação de si**. 1a. ed. São Paulo: Editora Annablume, 2015.
- SALLES, C. A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 1. ed. São Paulo: Editora Annablume, 1998.
- SALLES, C. A. **Redes da criação: Construção da obra de arte**. 2. ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.
- SHIODA, C. K. J.; YOSHIURA, E. V.; NAGAE, N. H. **Dô – caminho da arte: Do belo do Japão ao Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- SIGNIFICADOS. **Significado de Ikebana**: o que é *ikebana*. O que é *Ikebana*. 2013. Disponível em: <https://www.significados.com.br/ikebana/>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- SING, C. **Ikebana: Arte japonesa para arranjo de flores**. [S.l.]: Editora Tecnoprint, 1979.
- TANAKA, E. **Ikebana Ikenobo: O caminho das flores - The path of flowers**. 1.ed. São Paulo: Editora Clemente e Gramani, 2014.
- UNO, K. **Hijikata Tatsumi - Pensar num corpo esgotado**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- WIKIPEDIA. **Cecilia Almeida Salles**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cecilia_Almeida_Salles. Acesso em: 31 mai. 2021.
- WIKIPEDIA. **Ensô**. 2021. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Ens%C5%8D>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Notas

- 1 *Ikebana* – arte de montar arranjos de flores, com base em regras e simbolismo preestabelecidos. *Ikebana* é um termo em japonês que significa flores vivas. Informações encontradas no site <https://www.significados.com.br/ikebana>. Acesso em 25 jan. 2021.
- 2 Cecilia Almeida Salles é doutora em Linguística Aplicada e Estudos de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990), onde atualmente ministra

aulas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Também é coordenadora do Centro de Estudos de Crítica Genética da PUC/SP. Já ministrou diversos cursos e palestras acerca de temas relacionados à comunicação e linguística.

Possui dezenas publicações, entre elas o livro *Gesto Inacabado: Processo de criação artística* (1998), *Crítica Genética: Uma (nova) introdução* (São Paulo, Educ, 2000), e *Redes da Criação: Construção da obra de arte* (2006). Informações encontradas no site https://pt.wikipedia.org/wiki/Cecilia_Almeida_Salles#:~:text=Cecilia%20Almeida%20Salles%20%C3%A9%20doutora,Cr%C3%ADtica%20Gen%C3%A9tica%20da%20PUC%2FSP. Acesso em: 31 mai. de 2021.

- 3 Alegoria – Exposição de um pensamento sob forma figurada. Ficção que representa uma coisa para dar ideia de outra. Obra artística que representa uma ideia abstrata mediante formas que a tornam compreensível. (FERREIRA, 2010 p. 31)
- 4 “*Kenzan*” – Para praticarmos a maioria dos estilos da “*Ikebana*”, precisamos de bases para fixação ou “*Kenzans*” (montanha de espadas) de vários tamanhos. Estes podem ser encontrados em casas especializadas e são feitos de chumbo e pregos, nos quais se espeta o caule das plantas que, assim, ficam afixadas na posição que desejamos (Sing, 1979, p. 47).
- 5 *Aspidistra* – Planta ornamental da família das líliáceas ornamentais. Informações encontradas no site: <https://dicionario.priberam.org/aspidistra>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- 6 *Ensô* – um círculo desenhado à mão em uma ou duas pinceladas desinibidas para expressar um momento em que a mente está livre para deixar o corpo criar. Informações encontradas no site <https://en.wikipedia.org/wiki/Ens%C5%8D>. Acesso em 13 jun. 2021.
- 7 *Arte Naïf* – O desejo espontâneo de desenhar e pintar está presente no homem desde a Pré-história, quando ele pintava nas paredes da caverna. Com o passar dos anos, muitos artistas estudaram arte em escolas, outros aprenderam sozinhos e são conhecidos como autodidatas. Esses artistas não aprenderam a desenhar nem pintar em escolas, pintam com a imaginação, como gostam e da forma que sabem. Por isso suas pinturas são ingênuas e conhecidas como *Arte Naïf*. *Naïf* é uma palavra francesa que quer dizer natural, livre e puro. (Ande; Lemos, 2017).

Recebido: 11/05/2023.

Aprovado: 29/08/2023.